

O corpo na museologia como expressão de identidade no pensamento contemporâneo

Sara Veríssimo Freitas¹

*The body in museology as expression of identity
in contemporary thought*

Se formos um político e não aparecermos na televisão, não existimos. Mas isso já não é novidade. A novidade é esta: se não estivermos disponíveis nas redes sociais, não estamos em lugar algum. (Bauman&Donskis,2016:14)

À guisa de contextualização, na minha dissertação de mestrado, intitulada “Corpo Tatuagem e Poder – um Projecto na Sociomuseologia” abordámos um tempo específico ligado à Primeira República Portuguesa. Temas como o Corpo enquanto método de propaganda política, em que existe uma normalização que marca um projeto muito próprio; a Tatuagem como marca de fama/infâmia desses mesmos presos e Poder, o modo como essas pessoas eram vistas socialmente. Tentámos, ainda que com muitas dificuldades

¹ Licenciada em Filosofia pela FLUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa); Pós-Graduação em Museologia da Universidade Nova de Lisboa; Mestre em Museologia pela ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) e Doutoranda em Museologia pela mesma casa, desde de 2019. Frequentou vários estágios e voluntariados em diversas tipologias de museus portugueses (Arqueologia; Desporto; Comunicações; Etnologia; Ciências e Arte).

Sara_Verissimo_Freitas@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2833-2974>

Submetido 25.03.2020, aprovado 09.06.2020

associadas, dar um panorama dos presos neste tempo histórico. Mas achando que isso não seria suficiente, fiquei sempre angustiada, pois não tinha trabalhado a sociedade à qual pertença, tendo de me limitar a um tempo e a um espaço académico próprio. Resumindo, tinha pouco tempo e poucas páginas para desenvolver o que idealmente queria expandir. Neste sentido, o projeto de doutoramento procura colmatar esse hiato, ainda que indo um pouco atrás buscar esses conceitos onde o Corpo, a Tatuagem e o Poder, este último menos mascarado neste conceito duro e absoluto, mas vendo mais o Poder como a normalização social e o estigma que uma pessoa tatuada ainda enfrenta.

Numa segunda etapa, torna-se necessário definir em que consiste o pensamento desta escola de conhecimento, quais são suas problemáticas e onde são os principais pontos de atuação. No presente trabalho, desta vez de Doutorado², vamos abordar apenas alguns dos principais pontos de contacto com a presente tese, até agora devidamente refletidos.

O ponto mais importante, e, neste sentido, o primeiro que deverá ser mencionado no presente estudo, prende-se com a ideia de que não podemos, na sociedade em que vivemos, pensar numa museologia dentro dos edifícios, mas antes repensá-la na realidade, ou seja, nos territórios onde esses processos museais ocorrem. Um processo museal bastante conhecido por todos nós está patente nas procissões religiosas. Um segundo ponto, ainda dentro deste “chapéu de conceitos museais” trata-se de que também temos de ter audácia para repensar a nossa noção de objeto museológico. Será que esse objeto ainda deve ser considerado como acervo e/ou coleção, ou antes, ser considerado como património, ou seja, algo com relevância social suficiente para ser musealizado, pelas diferentes comunidades e/ou indivíduos. Por último, na senda destas ideias supracitadas, temos de repensar a Museologia não com vista à

² Acabei a minha dissertação de mestrado, intitulada “Corpo Tatuagem e Poder – um Projecto na Sociomuseologia” em 2018. Ainda nesse ano concorri às vagas de Doutorado, tendo começando o ano letivo do programa doutoral em 2019.

obtenção de públicos, mas uma Museologia com preocupações com as populações e/ou comunidades, em última instância com as pessoas.

Assim, a grande e mais forte herança que o colecionismo gerou está relacionada ao **conceito de posse**. A posse material e espiritual, o domínio não só das **coisas**, mas o poder em transformá-las em símbolos. Um poder pouco partilhado e que quando o era, tinha a real função de demonstrar ostentação. (Bruno:1996:59)

Na continuação da ideia acima mencionada, podemos ver a noção de uma Museologia em Comunidade plasmada pela ideia de que a cultura deve ser construída por todos e para todos, através das memórias e das histórias dessas mesmas coletividades. Apesar de estarmos a trabalhar com os processos individuais dos tatuados, temos de entender que eles são também sujeitos nas suas próprias comunidades, ainda que nem sempre estas estejam estruturadas enquanto tal³. Assim, onde assenta a escola de pensamento em Sociomuseologia, encontra-se enraizada com os direitos de cidadania, que começa na ponderação das memórias das comunidades como património a ser musealizado e de que essas mesmas memórias podem ser otimizadas, sendo geradoras de cultura e, como tal, da nossa identidade cultural. Neste sentido, temos de pensar a cultura de um modo mais vasto, como algo que não deve ser apenas de alguns setores da sociedade, mas que deve estar inerente a todas as pessoas, pois todos nós somos cultura, todos nós devemos ser ativos nesses processos culturais. Assim, um sujeito tatuado pode ser visto, não apenas pelo seu *quê* de arte, mas também como objeto de cultura.

A tatuagem, assim como os museus, procura estabelecer relações de poder em determinado território. No presente estudo, os poderes sobre os territórios estão espelhados nos poderes sobre os

³ Uma solução possível para este dilema sobre as comunidades é repensá-las num âmbito dos seus pontos de contacto, neste caso, de serem todas pessoas tatuadas.

corpos, mas até ainda há pouco tempo, tal não acontecia⁴. Poder e território são dois conceitos-chave no pensamento sociomuseológico, em que as dinâmicas de poder e território são, na minha tese, de cunho pessoal. Então, em resultado desta última ideia, quando tatuamos um corpo, exercendo esse poder, que procuramos fazer? Procuramos cunhar uma memória, marcar um esquecimento? Pois, em última instância, a tatuagem poderá ser vista de duas maneiras. Se, por um lado, procura enfatizar uma memória, através da marca de um nome, de uma data, por outro lado, a marca pode ainda significar a tentativa de ultrapassar determinada vivência, e, desse modo, poderá ser considerada marca do esquecimento. No fundo, tudo vai depender das marcas e das posições que elas ocupam. Por exemplo, uma marca nas costas é completamente diferente de uma marca no braço, isto porque precisamos de um terceiro objeto que reflita essa mesma marca. Note-se que esse objeto, sendo um espelho, não só reflete como inverte essa mesma marca, que pode alterar a leitura do próprio sujeito tatuado quando se vê refletido ao espelho. Isto significa também que depende do local da leitura da tatuagem, poderá ou não ser fruto de visibilidade ou de invisibilidade, ou seja, de memória e de esquecimento.

Indicar que as memórias e os esquecimentos podem ser semeados e cultivados corrobora a importância de se trabalhar pela desnaturalização desses conceitos e pelo entendimento de que eles resultam de um processo de construção que também envolve outras forças, como por exemplo: o poder. O poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos. (Chagas:2002:44)

Mas tal como nos museus, onde existe de facto uma tentativa, cada vez maior, de relacionar as populações com os seus

⁴ Na dissertação de mestrado, podemos constatar que o poder sobre os corpos era ditado pelo Estado e não pela pessoa a quem o corpo pertencia. Hoje tatuar um corpo é também sinal de pertença, não a um grupo específico, mas a si mesmo.

patrimónios, podemos entender que os nossos corpos podem também ser considerados como patrimónios. De facto, existe uma relação patrimonial com os nossos corpos: o modo como comemos, vestimos, andamos, ou seja, o modo como nos movimentamos nos diferentes campos de ação dita essa mesma relação inconsciente⁵ que temos com os nossos corpos. Ao olhar em nossa volta, podemos observar essa relação cada vez mais vincada com os nossos corpos, até porque existe associada uma maior liberdade de expressão.

Outro conceito que temos de ter em conta, ao falar de museologia e de tatuagens, é o de identidade. Museus sociais e identidade estão profundamente ligados, nomeadamente em relação às identificações com as comunidades, dentro da sociedade. São espaços onde essa identidade se vê espelhada. Transferindo novamente, os museus como corpos, cabe ao património o legado dessa mesma identidade, desse mesmo canto em que nos podemos ver identificados. Mas a questão surge, quando fazemos uma tatuagem: queremos mostrar um processo identificativo ou antes de diferenciação? Procuramos, desta maneira, encarnar⁶ uma memória, que pode significar pertença ou não a um determinado grupo social⁷.

Apesar de não estar espelhado, à primeira observação, todos estes processos museais permitem que haja um desenvolvimento das comunidades, no crescimento de cada membro dessa coletividade, como atores no seu desenvolvimento, “This way, an articulated and participative community is a basic requirement to guarantee the museum’s survival as an agent for community

⁵ Apesar de tudo, não podemos generalizar estas análises, pois torna-se muito difícil lidar com fatores do inconsciente.

⁶ Temos necessidade de justificar este conceito, na medida em que, quando é feita uma tatuagem, estamos a contar uma história invisível que se torna visível.

⁷ Esta questão é ainda complexa nesta fase deste estudo, pois só através do suporte empírico, ou seja, do resultado das entrevistas que já estão estruturadas conseguimos analisar em profundidade esta questão.

development”. (Santos:2008:63)⁸ É importante que a sociedade se veja refletida enquanto membro ativo apropriado para a cultura e para os processos culturais. É desta forma que reside a ideia de Inclusão Social, em que temos de repensar numa cultura com o envolvimento de todos, e não apenas para os mais “eruditos”.⁹ Este apelo é de suma importância não só para a preservação dos museus, mas também para a nossa preservação enquanto cultura.

Outro propósito dentro da escola de pensamento que temos vindo a desvelar, trata-se da escolha desses mesmos objetos museais. Pensando outra vez paralelamente, conseguimos, como alguma facilidade, relacionar esta ideia como a escolha dos desenhos que são feitos nos corpos dos tatuados. Cada desenho, cada tatuagem, é para o sujeito tatuado um objeto socialmente relevante, ainda que essa leitura possa adquirir múltiplas interpretações. Entre membros tatuados, cada tatuagem está também sujeita a variadas leituras. No fundo, surge aqui a ideia de que, tal como na Sociomuseologia, ninguém é dono da verdade, no mundo das tatuagens, vistas como representações e interpretações de um objeto real.

O museólogo deverá constatar que cada modo de observação implicará opções e escolhas diferentes. Não tanto por causa de uma distância ou de uma diferente proximidade, mas sobretudo por causa de um diferente critério mental, pelo qual o observador segmenta a realidade. E escolhe o que é pertinente, ou não é, para ser a realidade a observar. (Pereira:2009:302)

⁸ “Deste modo, uma comunidade articulada e participativa é o requerimento básico que garante a sobrevivência do museu como agente do desenvolvimento da comunidade”. (tradução da autora do artigo).

⁹ O que tem acontecido ao longo da história é que essa cultura só está acessível à camada endinheirada na sociedade. Mas muitas vezes esquecemos de nos pôr no lugar do outro, daquele que não tem dinheiro para ir a um museu, porque a sua prioridade é suprir as suas necessidades básicas.

Mas existe sempre um dilema, ao tornar os fenómenos dessa realidade, todos eles, possíveis de serem trabalhados, temos de refletir que não podemos trabalhar sobre tudo, e sobre todos. Mediante a nossa realidade, o nosso estudo e as nossas visões sobre o mundo, temos de ser capazes de fazer essa escolha, de definir o nosso compromisso com o que achamos mais urgente de ser trabalhado e tal pode revelar-se bastante difícil. Uma escolha implica sempre sacrifícios; ainda mais, quanto maior é o nosso compromisso social.

Vendo as coisas de outra perspetiva, podemos então afirmar que os corpos, enquanto objetos musealizados, podem ser considerados como fontes de saber. Neste panorama, todos os membros de uma comunidade podem ser ponderados não só como fontes de documentais, fazendo deles fontes de conhecimento, como também objetos artísticos, fazendo deles objetos museais. Tal como obras num museu, esses corpos devem ser também preservados. É nessa valorização de um sujeito-objeto, ou seja, um sujeito que pode ser considerado objeto no seu juízo estético, que existe a ideia, novamente no chapéu da Sociomuseologia da “pessoa-recurso”¹⁰, significando, novamente, a importância que cada indivíduo deverá ter na construção da sua cultura, “Na definição do Varine o simbólico também se apresenta próximo da «pessoa-recurso», mas ela actua como um mediador, incentivando a aproximação pelos outros membros da sociedade”. (Primo:2014:8)

Os museus da Sociomuseologia buscam não peças bonitas para expor em palácios e edifícios históricos, ainda que seja imperativo que esses museus possam ser repensados para se adaptarem à realidade moderna, pois ambas as categorias são importantes e devem coexistir¹¹. Trata-se sempre de um plano para

¹⁰ Conceito utilizado por Hugues de Varine e reaplicado pela Professora Doutora Juditer Primo nos *Cadernos de Sociomuseologia* n.47 de 2014.

¹¹ No caso das tatuagens, elas poderiam eventualmente ser expostas tanto num museu comunitário, mas também no museu de arte contemporânea, etnologia, moda, entre outros. É importante salientar que as histórias

o futuro, um legado para os nossos herdeiros, os que vão receber a nossa herança, o nosso sentido patrimonial.

Esta nova museologia integra-se na busca dum paradigma transitivo porque parte de premissas inclusivas. Sabe que todos somos portadores de saber e que os saberes são múltiplos. Sabe que todos temos o direito e o dever de participar na construção do nosso presente. Trata-se, portanto, duma museologia que está ancorada em valores éticos de cidadania de Direitos Humanos. É uma museologia que usa as heranças como recursos transcalares com base na premissa de que somos herdeiros dos nossos filhos. (Primo&Leite,2015:137)

Tal traduz-se num compromisso com os objetos da sociedade, onde atuam também os processos fenomenológicos nessa mesma realidade. Esta por sua vez vai funcionar como uma rede conceptual de objetos e debates. Neste sentido, é necessário responder ao modo com a sociedade contemporânea vai ganhando novas visões sobre os corpos fenomenológicos. É nos fenómenos sociais, e por isso temos de retomar o conceito de *museu-forum* e/ou *museu-ágora*, que surgem como moderadores de compreensão dos diferentes fenómenos. Esses espaços funcionaram não só em museus, onde existe preservação, documentação e comunicação, indo ao encontro na suspensão espaço-temporal dos museus tradicionais; mas, por outro lado, será um espaço de debates, um espaço em movimento, um espaço barulhento. Nesse sentido, os corpos podem ser também debatidos, pois apresentam-se como novos fenómenos da realidade, de uma realidade que nunca é falada no mundo dos museus clássicos. São museus de história da arte ou de história, mas esquecendo, grande parte das vezes, que o agora também é história, e ainda mais importante porque essa pode ser mudada e, acima de tudo, vivida. A importância dos fenómenos torna-se relevante na sociedade emergente de hoje. Temos de nos

existentes na museologia social podem ser expressas noutros tipos de museus, desde que devidamente valorizadas.

questionar sobre o que queremos nós fazer e para onde queremos ir, pois no mundo contemporâneo, onde existe todo o tipo de estigmas sociais, muitos desses expressos pelas redes sociais, com um cada vez maior afastamento físico das pessoas, estas perguntas deverão ser pensadas com a seriedade que merecem.

Além dessas leituras comuns a todo o mundo, a museologia não deve ser apenas uma disciplina reservada aos museólogos. Claro que é necessário e fundamental existirem moderadores entre os patrimónios e as pessoas, com seriedade científica, servindo de vetor de maior visibilidade destas comunidades que são mantidas marginais, mas o conhecimento não pode apenas ser mantido por estes mesmos profissionais. Nesse sentido, os museus sociais, que abordam temas que não estão apenas dedicados às artes, etnologias e ciências, mas que abordam toda uma panóplia de conhecimentos derivados. Nestes museus da Sociomuseologia precisamos de múltiplas abordagens que podem apenas ser dadas por profissionais de áreas como a Sociologia; Educação; Antropologia; Filosofia; Psicologia; Direito, entre outros. Estas abordagens não dependem das áreas de conhecimento, pois se a área de Educação não tiver uma vertente com forte ancoragem em Paulo Freire,¹² qualquer museu que trabalhe com esse investigador vai cair num hiato entre aquilo que é a realidade e aquilo que está exposto no museu, ou seja, em último plano, não irá trabalhar as questões importantes para um museu que quer ir ao encontro da sociedade.

O alargamento da noção de património, é a consequente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas

¹² Paulo Freire irá ser fundamental na reestruturação do pensamento do presente estudo, assim sendo basilar no pensamento da escola de Sociomuseologia. A premissa base assenta no pensamento de que a educação deve estar ao alcance de todos. Como podemos pensar nos museus como extensão-escola, os museus também devem contemplar as comunidades.

tecnologias" de informação e a museografia como meio autônomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada. (Mountinho:1993:8)

Na audácia supracitada nas páginas iniciais neste artigo, o pensamento Sociomuseológico, bem com as marcas no corpo, prende-se com esse pensamento de audácia, de um risco, consciente, na fuga à normalidade. Nesse âmbito, chamamos aos museus tradicionais “museus normativos”, pois além de serem extremamente rígidos nas suas formalidades, esperam o mesmo comportamento de seus públicos. Quem de nós, nunca foi proibido de correr, falar alto ou beber água num museu? Quem de nós nunca foi proibido de falar numa sala de aula? Quem de nós já aceitou ser igual porque a diferença é gozada? Ter uma tatuagem, ou qualquer alteração corporal, pretende significar algo pela (in)diferença de uma sociedade espalhada nos seus ditames.

Numa sociedade do espetáculo como a que vivemos na sociedade contemporânea, podemos repensar as tatuagens como os grandes museus-espetáculo, caracterizado pelos grandes museus, alguns do desporto,¹³ que são conhecidos pelos seus *happenings* com orçamentos de milhões. No mundo das tatuagens, pela visualização delas, mas também pelos seus tamanhos, e porque agora a sociedade não considera este fenómeno tão chocante, as tatuagens ganham novos contornos pela sua sublimidade. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, já vimos o indivíduo coberto de tatuagens que não lhe conseguimos ver o rosto. Pois bem, tal como os museus, podemos refletir se este indivíduo não se perdeu no mundo no espetáculo, assim como muitos museus perdem a sua identidade em

¹³ Quanto mais não seja por serem museus muito recentes, e, como tal, com uma oferta audiovisual imensa, por vezes desviando a atenção para as peças propriamente ditas.

prol do lucro.¹⁴ O *Facebook* e as restantes redes sociais acabam por ser uma resposta ao processo de musealização de si mesmo, de marcar presença num mundo onde apenas algumas pessoas da sociedade são visíveis. Mas as tatuagens, com as suas semânticas simbólicas próprias, marcam ainda todas as codificações a elas inerentes. Podem ditar grupos sociais bastante distintos, onde a marca é de pertença e não de diferença.

A constante historicidade que tem desdenhado o diferente, criou fissuras profundas na mentalidade dos povos oprimidos. Estes, que sempre foram silenciados, não criaram modos de expressão, e quando os criaram, ou foram expressões individuais ou em pequenos grupos. Tal acontecimento tem-se dado, tanto no mundo nos museus como nas tatuagens, de um modo mais ou menos incessante, ainda que esteja distante da ideia de Museu que a sociedade ocidental tem. Neste sentido, todas estas manifestações eram consideradas, pelos grupos que detinham o poder, perigosas.

Todos estes aspetos têm de ser entendidos à luz dos diferentes poderes, das diferentes liberdades ou das ausências das mesmas. Isto significando que todas estas leituras são derivadas de um contexto. Quanto mais opressor for esse contexto, mais fortes são essas narrativas das marginalidades. Ainda que exista repressão, existe sempre espaço para contornar essas regras. Essa paixão que move essas pessoas torna-se forte demais, esse silêncio demasiado ensurdecedor. Neste sentido, os regimes totalitaristas entendem o quão perigoso é um ato de pensar e tentam acabar com todas as formas de pensamento. É por nós conhecido, ao longo da história, quando um regime totalitarista toma posse de um governo, controlam-se o pensamento das aulas e dos manuais escolares,

¹⁴ O que muitas vezes tem acontecido é os museus venderem os seus espaços em prol dos lucros. Tomando o exemplo do Louvre, no que diz respeito ao videoclip da Beyoncé e do Jay-Z que trouxe polémica ao mundo dos museus. De facto, podemos dizer que trouxe movimento aos museus, mas será esse tipo de visibilidade necessária a estes espaços? Uma coisa é certa: fizeram com que o museu voltasse a ser falado e que gerasse alguns lucros.

fiscaliza-se as ações dos meios de comunicação, elimina-se os pensadores que ousam em ir contra as ideologias desse estado, mas ainda assim, ardem pequenas chamas desses oprimidos que continuam sem ceder às pressões governamentais.

Só nesta tela de sentido a que chamamos mundo é que conseguimos entender o sentido por detrás dos signos. Signos de poder assumem, mais ou menos assertivamente e em todas as sociedades, as mesmas qualidades primárias, “Os signos não têm, pois, outras leis senão aquelas que podem reger o seu conteúdo: toda a análise de signos é ao mesmo tempo, e de pleno direito, decifração daquilo que eles querem significar”. (Foucault, 2005:120) A força e o poder estão associados à garra e à postura, sendo que se torna importante, não só para o mundo dos museus, mas para o mundo dos sistemas iconográficos em geral, a realidade onde estão inseridas. Não faz, portanto, sentido um museu que esteja avaliado em milhões e estar localizado numa favela, pois isso não só seria ofensivo, como seria uma construção irreal.

Mas o ser humano, ainda que inserido num horizonte de sentido, ele é também potência à espera de ser atualizada, usada, ouvida. A potencialidade do ser humano é infinita, e por todas as dialéticas históricas vividas, o ser humano arranhou sempre maneira de ultrapassá-las, “O homem existe – *existere* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está prêso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dêle. Banha-se nêle. Temporaliza-se”. (Freire, 1965:41) Neste aspeto, o homem não só representa um legado de musealidade imenso como poderá ser uma grande fonte de conhecimento/saber museológico. À medida que vamos avançando no tempo, com toda a pressa a esta sociedade associada, não podemos perder de vista o “saber fazer do mundo”¹⁵, que não se ensina nas escolas ocidentais, mas que é de suma importância.

¹⁵ À medida que o nosso percurso de vida se vai moldando, tomamos em consideração aspetos da vida que não considerávamos antes. Talvez muito desses pensamentos estejam fundados na tentativa de imortalizar os nossos entes queridos, e como tal, começamos a ligar aos saber fazer ou “arts and

Voltemo-nos agora para um outro conceito que entrará na gíria deste estudo, o conceito de Pós-Modernidade, que possui imensas ramificações¹⁶. A primeira, a nosso ver estruturante no pensamento contemporâneo, é que a realidade está sempre em permanente alteração, isto significando que se torna mais imperativo, apesar de complicado, o tratamento das questões, pois surgem sempre novas perguntas com outros contornos. A segunda, e tendo em conta o referencial anterior, é que com a mudança dos paradigmas que incorrem nos tempos modernos, a nossa mentalidade terá também de ser outra. Estamos a referir-nos à cultura. A cultura deixou de ser algo para os iluminados, passando a ser para todos. Todos agora, principalmente com o surgimento das redes sociais, passaram a ser ouvidos como admiradores de obras de arte e comentadores dos problemas atuais.

Ainda que a ideia acima supracitada pareça agradável, a verdade é que continua a existir imensa desigualdade social. Claro que aparentemente estamos no bom caminho, mas continua a existir muita escravidão e exploração sob o domínio das grandes empresas. Todos os dias somos chantageados por um salário que mal dá para a sobrevivência, passando muitas horas fora de casa e sendo constantemente humilhados. Mas isto acontece em todo o lado, existindo museus que viram empresas que adotam exatamente os mesmos comportamentos. Pessoas que se continuam a fechar em si próprias sem saber muito bem o que fazer a seguir, “A democracia política padrão também pode servir como a forma mesma de ausência de liberdade: a liberdade política pode facilmente propiciar

crafts”, tais como renda de bilros, croché, cerâmica artesanal, brinquedos em madeira, entre outros.

¹⁶ Não pretendemos neste artigo aprofundar-nos muito sobre este conceito, pois a bibliografia, além de extensa, continua a ter imensas referências advindo dos múltiplos estudos sobre este tema. O conceito da Pós-Modernidade acaba por ser uma referência conceptual bastante densa que por si só, daria uma tese. O que se propõe realizar neste estudo é uma contextualização para explanar a diferenciação do acesso à cultura e das novas dinâmicas culturais.

uma estrutura legal para a escravidão económica, com os desprivilegiados se vendendo <livremente> no mercado da escravidão”. (Žižek,2017:92/93)

Mas o ser humano, enquanto ser pensante, não pode, nem deve ceder a esse desespero que assola toda a malha social. Precisamos de “esperançar”¹⁷. É necessário continuar a arranjar alternativas face a estas problematizações. Continuar a ouvir as vozes das pessoas que têm voz, que sempre a tiveram, mas que ainda dizem que “temos de dar a voz ao outro”, acreditando piamente que o outro é mudo. Prosseguir as lutas fundamentais pelos direitos humanos, sim porque todos somos humanos, nas questões do ambiente, das desigualdades sociais (raça, género, etária) e económicas (patrões e empregados), sem medo dessas lutas e sem medo da realidade onde todos nós estamos inseridos, “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. (Freire,2003:91) Podemos antever, pela ideia anteriormente expressa, que estamos gradualmente a aproximar-nos, novamente, de um dos principais pontos a rutura com o pensamento tradicionalista da museologia, a educação. A educação foi, a nosso ver, o grande impulsionador da democratização da cultura. Uma educação não só igual para todos, mas que não ponha o educador numa posição de superioridade e o educando numa posição de inferioridade nesta dialética¹⁸. Mas temos de conseguir visualizar a educação enquanto potência transformadora do mundo, “Paulo Freire encarna uma postura emancipatória e contra-hegemónica assente no permanente questionamento crítico, na dialogicidade, na linguagem das possibilidades”. (Mendes,2009:71) Hoje em dia, o que tem vindo a acontecer nos sistemas educacionais portugueses é a falta de espaço para a reflexão e para a imaginação.

Nesta azafama dos fenómenos contemporâneos, a Museologia, assim como muitas ciências, tem a grande dificuldade de captação das problemáticas e da própria realidade. Muito do que

¹⁷ Conceito de Paulo Freire.

¹⁸ Claro que de qualquer modo, tem de haver o respeito mútuo e as condições mínimas de respeito.

acontece nos dias que correm tem origem nos fenómenos presentes no nosso inconsciente, “Assim como as representações em esculturas corporais, em representações de vestimentas e tatuagens e nas punições e vigias que nossos corpos sofrem por nossos ajuizamentos, inconscientes, sobre ele”. (Souza,2018:49) Mas ao contrário do que acontecia até à data, esses fenómenos ficavam apenas nesse substrato da mente. O que sucede na sociedade hodierna é antes um extravasamento desses mesmos fenómenos do inconsciente, sobre o modo de expressões artísticas. O que muda na arte contemporânea prende-se exatamente com estes fenómenos, onde as expressões do inconsciente surgem como premissas do consciente. Tendo em conta a ideia anterior, as tatuagens sublinham os desejos do inconsciente sob a forma de fenómenos do consciente. Neste sentido, torna-se importante a compreensão de que todos os fenómenos estão baseados no nosso inconsciente. Todas as ações que tomamos surgem de necessidades do inconsciente, que se tornam conscientes à medida que somos deparados com a realidade, “Todavia, quando vemos, tocamos, saboreamos ou cheiramos, tanto o corpo como o cérebro participam na interação com o ambiente”. (Damásio,2011:288) Neste sentido, estamos, portanto, perante ações coletivas, o que significa que todos os membros de uma comunidade deverão responder, mais ou menos do mesmo modo, às mesmas problemáticas impostas pelo exterior. Esta realidade aplica-se a qualquer área do conhecimento, incluindo, claro, os museus e os corpos passíveis de serem considerados património. Nesta elaboração dos discursos conscientes a partir das sensações do inconsciente, surge então a tatuagem como meio e fuga de resistir à inconstância do corpo. A tatuagem ganha vida na busca pela imortalidade¹⁹, numa sociedade cheia de incertezas e ainda muito

¹⁹ Existem duas notícias relacionadas com este tema para posterior discussão. Fica já a antevisão para a tese de duas notícias sobre este assunto presente nos endereços web: <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Servicos/noticia/2019/05/esta-empresa-preserva-pele-tatuada-de-pessoas-falecidas.html> (consultada a 19 de março de 2020);

normalizada. A tatuagem busca também um mapeamento de memórias, procurando ou esquecendo o seu lugar na nossa vida. É o assumir de uma fronteira, o nosso corpo, num mundo cada vez mais sem fronteiras, não geográficas, mas morais. É o tornar-se presente num mundo cheio de ausências, através do sangue, das lágrimas, da dor, mas também da cura e da cicatrização, “O consumo de signos de singularidade assinala ausências de referentes, de sinais e balizas que não foram substituídos por algo que cumprisse a mesma função, ou seja, a oferta de alternativas para escoamento da angústia e do desamparo.” (Silva,2012:60)

Nestas premissas atrás expressas, chegamos à importância que o museu deveria ter para os seus cidadãos: o exercício da cidadania. É necessário, ainda mais nos tempos decorrentes, que o museu abrace todos os membros das comunidades. Conceitos como Museu Inclusivo²⁰ começam a surgir na gíria do mundo dos museus, apelando ao sentido de ação dos mesmos e, conseqüentemente, a uma mudança das mentalidades dos seus profissionais. A nosso ver, ainda existem muitos preconceitos a ser quebrados no mundo dos museus, o que se repercute também no mundo das pessoas, das suas expressões artísticas, nas suas identidades.

A palavra inclusão, no contexto aqui apresentado, refere-se à defesa do direito de todo ser humano de participar das mais variadas esferas sociais, culturais e educativas. A necessidade da inclusão pressupõe, naturalmente, a prática da exclusão, que é manifestada de diversas maneiras na sociedade. (Gomes,2010:9)

Outra ideia que se pretende debater neste estudo envolve a formulação de que o museu tem de sair das quatro paredes e procurar outras formas de comunicar com o mundo. Conceitos como

<https://veja.abril.com.br/ciencia/tatuagem-mais-antiga-do-mundo-e-encontrada-em-mumia-de-5-mil-anos/> (consultada a 19 de março de 2020).

²⁰ Este conceito revela-se um pouco amargo, na medida que, ele assume em si mesmo o conceito de exclusão. Mas de facto, não podemos ter reservas ao usar este conceito, porque ainda existe muita exclusão social.

museologia em movimento, que contemplam as exposições itinerantes para as comunidades terem acesso, são também ideias que a museologia contemporânea terá de repensar, encontrando meios para chegar às pessoas. Este argumento torna-se tanto mais fundamental, na medida que a sociedade contemporânea é cada vez mais versada nos fenómenos à sua volta. Na realidade, muito do que existe pode ser musealizado, dependendo sempre da ordem do discurso. A musealização das pessoas passa também pela musealização das suas vivências e memórias, e é nesse sentido que se sentem pertencentes aos fenómenos culturais.

Ações museológicas de qualquer tipo devem levar em consideração essas reflexões que advogam a democratização do poder de criar discursos sobre si e sobre os outros, por meio de referenciais patrimoniais, que concebem os museus como importantes espaços educativos e valiosos instrumentos para a criação de uma consciência crítica sobre o mundo, enfim, que trabalhem as questões da história, memória e património dentro de um campo de tensão e disputa inseridas no processo social. (Xavier,2012:126)

A Sociomuseologia enquanto ciência empírica, que trabalha com os fenómenos da realidade, tem de ser capaz de dar resposta a essas questões da realidade. A Sociomuseologia consiste no resultado entre a Museologia e Sociologia, tratando do património e dos fenómenos sociais. Se, por um lado, temos o “facto social” estabelecido por Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*, “Devemos, portanto, considerar os fenómenos sociais em si mesmos, desligados dos sujeitos conscientes que deles têm representações; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, porque é deste modo que se nos apresentam” (Durkheim,1984:52); temos também, defendido pela Professora Doutora Waldissa Rússio, o conceito de “facto museal”, que vincula mais profundamente o compromisso que a Sociomuseologia deve ter em relação à sociedade e aos seus fenómenos, “Neste sentido, o MUSEU apresenta o HOMEM TOTAL e satisfaz o humano desejo de TRASCENDÊNCIA. Mais do que um elo

com o passado, o MUSEU deve ser o impulso para o futuro”. (Rússio,1977:8) Só com esta perspetiva em mente conseguimos analisar, com a profundidade que o ramo científico demanda, as questões de que nos devemos ocupar, “Empirical science pursues its quest by devising images of the empirical world under study and by testing these images through exacting scrutiny of the empirical world”. (Blumer,1986:23)²¹

Apesar de não ser uma problemática que necessita de uma discussão prioritária, ela é ainda pertinente pois consiste num pequeno passo face à Pós-Modernidade e aos problemas de acesso cultural a todas as malhas da sociedade.

Provavelmente, devido a um certo desequilíbrio criado pela modernidade e/ou pós-modernidade, o futuro encontra-se hoje muito mais perto de nós, está na palma da nossa mão e esta proximidade transforma-nos em mais ignorantes, porque não temos tempo de amadurecer em simultâneo com os problemas com que nos defrontamos e, portanto, debatemo-nos com a dificuldade em partilhar e construir ideias hegemónicas. (Brito,2002:169)

Mas este estudo encara a nível conceptual grandes dificuldades que os museus e as ciências empíricas baseadas na realidade são confrontados. Se os contornos da realidade não se mostram como constantes, como tratá-la sem que ela nos fuja entre os nossos dedos? A pergunta parece mais caótica do que a resposta, pois apesar de este facto ser verdade, os grandes problemas sobre as desigualdades continuam, embora as décadas sobre os mesmos possam ter passado. Fica então a questão: como irão os museus endereçar estes problemas seculares na Pós-Modernidade?

²¹ “As ciências empíricas debruçam-se na demanda de imaginar imagens do mundo empírico com o objetivo de estudar e testar essas imagens sob o escrutínio exato do mundo empírico.” (tradução da autora do artigo)

Referências

- BAUMAN, Zygmunt & DONSKIS, Leonidas (2016). *Cegueira Moral – a Perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Lisboa: Relógio D'Água. (Original publicado em 2013).
- BLUMER, H. (1986); *Symbolic Interactionism*. Califórnia: University Of California Press.
- BRITO, A. M. (2002). São todos diferentes, mas de igual valia. *Igualdade e Diferença Numa escola para todos – Contextos, controvérsias, perspectivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- BRUNO, C. (1996). Formas de Humanidade: Concepção e Desafios da Musealização. *Cadernos de Sociomuseologia*, 9, p. 55-73.
- CHAGAS, M. d. S. (2002). Memória e poder : dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, 19, p. 35-67.
- DAMÁSIO, A. (2011). *O Erro de Descartes*. Lisboa: Círculo de Leitores. (Original escrito em 1994).
- DURKHEIM, E. (1984). *As Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Editorial Presença. (Original escrito em 1895).
- FREIRE, P. (s.d). *Educação como Prática da Liberdade*. Brasil: Paz e Terra. (Original publicado em 1965)
- FREIRE, P. (2003). *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Brasil: Paz e Terra. (Original publicado em 1992)
- FOUCAULT (2005). *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1966)
- GOMES, M. de F. F. F. (2010). *O Museu como Vetor de Inclusão Cultural*. Dissertação apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração para obtenção do grau de Mestre em Museologia com orientação científica do Professor Doutor Marcelo Nascimento Bernardo de Cunha, Lisboa.
- MENDES, M. (2009). Os setes pecados da governação global. Paulo Freire e reinvenção das possibilidades de uma pedagogia democrática e emancipatória da educação. Lisboa: *Revista Lusófona de Educação*, 14.

- MOUTINHO, M. (1993). Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1, p. 7-9.
- PEREIRA, P. M. F. C. (2009). Preservar e desenvolver em museologia, contributo para o estudo do objecto e do processo museológico. *Cadernos de Sociomuseologia*, 34, p. 3-415.
- PRIMO, J. S. (2014). O social como objecto da museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 47, p- 5-28.
- PRIMO, J.S. & Pereira, P.M.F.C. (2015). Olhares bibliográficos em museologia: os desafios da intersubjetividade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 49, p. 129-144.
- RÚSSIO, W. P. (1977). *MUSEU, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação apresentada à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, São Paulo.
- SANTOS, P. A. (2008). Museology and community development in the XXI Century. *Cadernos de Sociomuseologia*, 29, p. 11-251.
- SILVA, G.F. da. (2008). *Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana*. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Doutor em Psicologia com orientação científica do Professor Doutor Nelson da Silva Junior, São Paulo.
- SOUZA, M.N. (2018). *Experiência Sensorial do Corpo em Exposições Museológicas*. Dissertação apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias -Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração para obtenção do grau de Mestre em Museologia com orientação científica do Professor Doutor Pedro Pereira Leite, Lisboa.
- XAVIER, D. W. (2012). *Museus em Movimento – Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia*. Dissertação apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração para obtenção do grau de Mestre em Museologia com orientação científica do Professor Doutor Mário Caneva de Magalhães Moutinho, Lisboa.

ŽIŽEK, S. (2019). A coragem da desesperança – crônicas de um ano em que agimos perigosamente. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 2017).